



16º Congresso Brasileiro de Assistentes Sociais

Tema: “40 anos da “Virada” do Serviço Social”

Brasília (DF, Brasil), 30 de outubro a 3 de novembro de 2019

EIXO: SERVIÇO SOCIAL, RELAÇÕES DE EXPLORAÇÃO/OPRESSÃO DE GÊNERO, RAÇA/ETNIA, GERAÇÃO E SEXUALIDADE.

SUB-EIXO: ÊNFASE EM GÊNERO.

FEMINISMO E SERVIÇO SOCIAL: UM ESTUDO SOBRE A RELAÇÃO SÓCIO HISTÓRICA¹

Maira Franciane da Silva²

Gustavo José de Toledo Pedroso³

Resumo: O presente artigo reflete teoricamente o feminismo enquanto luta coletiva, estrutural, emancipatória e sua relação sócio histórica com o Serviço Social, análise fundamental para compreender uma profissão instituída no sistema de dominação- exploração capitalista, patriarcal e racista em sua totalidade social e repensar sua prática profissional.

Palavras-chave: Feminismo. Relação Sócio Histórica. Serviço Social.

Abstract: This article theoretically reflects feminism as a collective, structural, and emancipatory struggle and its historical and social relationship with Social Service, fundamental analysis to understand a profession instituted in the capitalist, patriarchal and racist system of domination - exploitation in its social totality and to rethink its practice professional

Keywords: Feminism. Historical Partner Relationship. Conservative.

“Espero também que olhar para trás nos ajude a olhar para o futuro. Reconstruindo o caminho percorrido, espero lançar luz sobre os desafios que enfrentamos hoje – em uma época de forte crise econômica, incerteza social e realinhamento político.”

Nancy Fraser

Introdução

¹ O presente artigo é fruto de uma pesquisa de dissertação de mestrado, em andamento e construção, junto ao Programa de Pós-graduação em Serviço Social da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” – UNESP – campus de Franca – SP.

² Estudante de Pós-Graduação, Universidade Estadual Paulista 'Júlio de Mesquita Filho' - UNESP Campus de Franca, E-mail: mairafranciane@hotmail.com.

³ Professor com formação em outras áreas, Universidade Estadual Paulista 'Júlio de Mesquita Filho' - UNESP Campus de Franca, E-mail: mairafranciane@hotmail.com.

No intuito de pesquisar o feminismo, é necessário compreendê-lo a priori como um campo de diferentes debates e perspectivas, tendências e disputas. Como movimento coletivo de luta das mulheres, este as reconhece sistematicamente como oprimidas e inseridas em um campo de dominação/exploração.

Histórica e teoricamente, é apresentado subdividido em ondas, períodos históricos e se constitui elucidativo enquanto um projeto que ainda não se completou. Suas ondas trazem consigo particularidades, prioridades, métodos e protagonistas, mapeando a intensidade variável do movimento em cada processo histórico específico de seu tempo.

O feminismo possui diferentes vertentes teóricas para sua análise e compreensão, que surgem no movimento e se disseminam como linhas de pesquisa nas mais diversas áreas do conhecimento e nas universidades, tratando da submissão e desqualificação do feminino e da mulher, propondo ações de enfrentamento, cada uma a seu modo. Dentre estas podemos citar o feminismo liberal, radical e socialista, tais correntes se opõem entre si em relação as suas correntes políticas.

Pretende-se aqui, centralizar nossa reflexão e debate sob a luz da perspectiva crítica marxista, uma vez que essa tradição teórica se mostra fundamental para análise e compreensão da sociabilidade, nos permitindo compreender o modo de produção capitalista e todas as desigualdades sociais que se fundam e se expressam em todas as esferas da reprodução da vida social. Consequentemente a emancipação humana e consequentemente das mulheres, se dá através da superação da sociedade de classes.

Importante refletir que as mulheres já enfrentavam processos de desigualdades em outros modos de produção anteriores a instituição da sociedade burguesa, no entanto, é a partir do modo de produção capitalista que podem ser evidenciadas as raízes de opressão e subordinação femininas, uma vez que é o sistema capitalista que marginaliza setores, inferioriza a mulher em função do sexo (CISNE, 2014).

Almejamos a partir de nossas análises, identificar quais foram os contornos particulares na formação sócio histórica da profissão e sua relação com o feminismo que refletem diretamente hoje no debate político-profissional e na defesa intransigente do nosso projeto ético político e de enfrentamento ao conservadorismo que se acentua diariamente na sociedade e na profissão.

O feminismo e suas ondas

(...) a luta feminista não é uma questão de interesse apenas das mulheres, mas da humanidade que se pretende livre (p.115).

O feminismo se constituiu como um movimento sociocultural, que luta pela garantia dos direitos humanos, e, sobretudo por justiça e equidade nas relações entre homens e mulheres, tendo como pressuposto ético político contrapor-se, desconstruir e denunciar os papéis, definidos pela sociedade como naturais e que engendram práticas discriminatórias e opressivas, buscando a partir de suas lutas, uma reconstrução de uma humanidade diversa e democrática.

O feminismo busca repensar e recriar a identidade de sexo sob uma ótica em que o indivíduo, seja ele homem ou mulher, não tenha que adaptar-se a modelos hierarquizados, e onde as qualidades 'femininas sejam atributos do ser humano em sua globalidade. (Alves, 1981, p. 09)

Importante elucidar que embora seu objetivo seja lutar pela igualdade entre os sexos, a luta não se limitou a isso. Confrontando a ordem burguesa, elas lutaram ativamente pela participação da vida pública, acesso a educação, trabalho remunerado, pelo amor livre e o direito ao divórcio.

Mundialmente, a primeira onda surge em meados do século XVIII perpassando até o século XX. Esse período foi marcado pela agudização da questão social, que além de contribuir com a opressão das mulheres, contribuiu para a aproximação delas com a luta socialista e com a reivindicação aos direitos políticos, de votarem e serem votadas.

Denominado sufragista, esse período foi marcado pela luta de mulheres brancas, operárias apoiadas por mulheres burguesas, protestando contra as terríveis condições de trabalho e pelo fim do trabalho infantil, questionando a ocupação de espaços públicos e a conduta feminina, buscando garantir à cidadania feminina e o acesso à educação.

O feminismo, desde suas primeiras manifestações, no século XIX, teve suas particularidades, desafiando a ordem conservadora que excluía a mulher do mundo público (Pinto, 2003, pág. 09). Organizado de forma fragmentada, desde as reuniões em ambientes privados, até grandes movimentações, o movimento feminista brasileiro ocorreu, embora influenciado por ondas europeias, de forma particular.

O que permite caracterizar o movimento feminista como movimento social é a sua duração. Quaisquer que sejam as intermitências da mobilização, as mulheres não cessaram de lutar coletivamente desde a Revolução Francesa. Ademais, esse

movimento se enraíza nas contradições fundamentais da sociedade, nascidas tanto do desenvolvimento do capitalismo como da persistência até hoje da dominação masculina, que se exprime na divisão sexual do trabalho. As mulheres se mobilizaram ora em nome da igualdade, ora em nome das suas diferenças, sempre contra as “injustiças” de que eram vítimas, reclamando ao mesmo tempo o direito ao trabalho, à educação, ao voto e você também à “maternidade livre” desde o começo do século XX. Elas sempre reivindicaram sua identidade como seres humanos e sua liberdade. (TRAT, Josette Trat, 2009, p. 151. In CISNE, 2018)

No Brasil, podemos identificar três vertentes do feminismo que contribuiu com o seu desenvolvimento, a primeira onda feminista e a primeira vertente surge em meados de final do século XIX e início do século XX, ganhando força em 1920, tendo como foco a luta das mulheres pelos direitos políticos de forma individual, mediante a participação eleitoral como candidatas e eleitoras. Era composto por mulheres da elite brasileira, que tiveram acesso aos estudos no interior, onde sofreram influência teórica e do movimento onde o sufrágio já havia ganhado força.

Segundo Pinto (2003, p. 14), com uma forte perspectiva liberal, esse ‘feminismo bem-comportado’ embora tenha alcançado um nível nacional, possui limites institucionais, pois ao mesmo tempo em que as mulheres, lutavam pela ocupação e reconhecimento a esses espaços públicos, no entanto, isso ocorria sem confrontar o patriarcado e o capitalismo como sistema de exploração e opressão das mulheres e sem reconhecer a desigualdade de privilégios existentes entre homens e mulheres.

A segunda vertente composta por mulheres cultas, muitas delas jornalistas e escritoras, foi denominada “feminismo difuso” e tinha como características a defesa pelo direito a educação e o questionamento a dominação masculina, e colocaram em pauta assuntos que na época eram considerados polêmicos, como a sexualidade e o divórcio.

A terceira vertente foi composta por mulheres intelectuais e militantes de esquerda, e foi denominado como ‘feminismo malcomportado’ pois articulavam as teses feministas as anarquistas, tendo como questão central de debate a exploração do trabalho, e reconheciam a condição da mulher enquanto explorada.

Ao identificar a dominação dos homens sobre as mulheres, mais que isso, ao perceber que a dominação dos homens possui como base a exploração das mulheres, esse feminismo passa a confrontar o patriarcado e, também, o capitalismo, pois a centralidade da luta em torno da questão do trabalho levou muitas mulheres anarquistas e comunistas a deflagrarem lutas contra a jornada intensa e extensa de trabalho, a desigualdade

salarial e a exploração capitalista de uma maneira geral. Com isso, passam a confrontar-se diretamente com a classe dominante. Cisne (2018, p. 144)

O ano de 1949 é marcado pela publicação da obra *O Segundo Sexo* de Simone de Beauvoir, colocando em notoriedade sua análise sobre a condição histórica da mulher e sua redução desde o início da modernidade ao lugar de Outro do homem, e ao Outro da razão sendo excluída do conceito supostamente neutro e universal de humano, sob o qual, de direito está abrigado apenas o homem.

Por que as mulheres não contestam a soberania do macho? Nenhum sujeito se define imediata e espontaneamente como o inessencial; não é o Outro que se é definido como outro define o Um; ele é posto como Outro pelo Um definindo-se como Um. Mas para que o Outro não se transforme no Um é preciso que se sujeite a esse ponto de vista alheio. (Beauvoir, 2016)

Nesta obra a autora abriu um campo de debate sobre como a diferença sexual funciona como uma estrutura hierárquica nas relações sociais, reivindicando a liberdade e emancipação da mulher, com sua frase mais impactante “Não se nasce mulher, torna-se mulher”. A partir dessa expressão Beauvoir traz a análise para tornar-se como um movimento de transformação, que promove a mudança e faz com que a mulher deixe um estado e passe a outro.

Inspirado pelo texto de Beauvoir inicia-se a chamada segunda onda⁴ feminista em meados de 1960⁵, uma fase em que problemas culturais e políticos se mesclavam devendo as mulheres encorajar-se para combater as estruturas sexistas de poder. Nesse período inicia-se a discussão pelos direitos reprodutivos, liberdade sexual, crítica a prostituição, pornografia e a distinção entre sexo e gênero.

Nesse período, no Brasil, as feministas vivenciavam a luta contra a ditadura que havia se iniciado em 1964, muitas mulheres foram inclusive, presas políticas e barbaramente torturadas. Posteriormente, próximo de 1980, o feminismo acadêmico ganha força, com destaque para as áreas da saúde e violência contra a mulher.

Importante salientar que a atuação das feministas através de passeatas e abaixo assinados, foi fundamental para o período de luta e defesa de direitos sociais e principalmente das mulheres na Constituição Brasileira de 1988, com o slogan “*Constituinte sem a participação das mulheres é constituinte pela metade*”. (LISBOA, p.71, 2010).

⁴ “A segunda onda do feminismo pode ser interpretada hoje como uma luta contra as discriminações que as mulheres são alvo em matéria de direitos civis, políticos e sociais pela extensão dos direitos de cidadania para a liberdade reprodutiva, tema já presente entre as feministas no século XIX.” (MARQUES-PEREIRA, 2009, in HIRATA, 2009)

⁵ Este período é marcado pelo aprofundamento da teoria feminista, como suporte para estudos e análises das relações de gênero, passando a investigar as experiências de homens e mulheres sob uma perspectiva centrada na realidade das mulheres.

Neste mesmo período, ganha destaque a ativista Angela Davis, que traz para a pauta feminista a centralidade para a discussão do feminismo negro e a luta das mulheres negras que contra as explorações e seu lugar nas ideias e projetos feministas.

A terceira onda, em meados de 1990, constituída por uma multiplicidade de feminismos, inicia uma revisão das políticas feministas anteriores (1970), propondo uma prática de resistência ao neoconservadorismo e ao neoliberalismo. No feminismo brasileiro, pois é nesse momento que adentra na discussão a questão da raça e da interseccionalidade, acompanhado pelos 'estudos de gênero'.

Alguns teóricos discutem a possibilidade de uma quarta onda, que seria destinada a rever pressupostos de um pós-feminismos, através do cyber feminismo 2.0, que seria alimentado pelo uso das redes sociais e blogs, petições online e ampla divulgação dos movimentos existentes e constante contestação da misoginia.

Atualmente, em muitos países, a mulher é reconhecida como sujeito de direitos, tendo sua liberdade, integridade física, intelectual e material, garantida por leis, o que já caracteriza o grande avanço que o movimento feminista alcançou em diversos espaços. No entanto, essa luta é contínua e permanente, pois mesmo com a existência de leis, milhares de mulheres são violentadas diariamente pelo sistema capitalista e todo o conjunto que o compõe.

O Serviço Social

O Serviço Social surge no Brasil em meados de 1930, em um momento em que o modo de produção capitalista monopolista define e rege a sociedade em que a Igreja está inserida. Após a questão social tomar publicidade, a burguesia precisa de profissionais para contê-la, e para gerenciar a pobreza no capitalismo monopólico.

Cria-se então a/o assistente social, através das primeiras damas da época, para responder às transformações da sociedade capitalista e trabalhar com as manifestações da questão social, frente à necessidade de abrandar conflitos e desigualdades, tendo com uma das suas bases de legitimação os interesses da ordem burguesa na relação capital x trabalho, na luta de classes.

Segundo Cisne (2018) o Serviço Social emerge como profissão a princípio dominado por primeiras damas e radicalmente vinculado a questões de benemerência, caridade, e a moral cristã patriarcal que impuseram à mulher a obrigação de serem 'bondosas', 'caridosas', 'acolhedoras' e 'amáveis'.

[...] o Serviço Social teve como base os princípios da doutrina social da Igreja, que imprimiram na profissão um 'espírito de apostolado', configurando-a como uma profissão a ser exercida por mulheres, como uma 'vocação', com papéis específicos definidos pela sociedade para mulheres: o cuidado, a tutela, a ajuda, que por sua vez requerem abnegação, entrega de si, ser para os outros, enfim 'naturalizando' a responsabilidade da profissão como uma carreira destinada majoritariamente a mulheres. (LISBOA, 2009, p. 67)

Sua profissionalização se concretiza por volta de 1936, por forte influência europeia, assumindo uma característica tecnicista, surgindo à primeira Escola de Serviço Social do Estado de São Paulo. O ano de 1945 marca a institucionalização da profissão, com as/os primeiras/os profissionais formadas/os começando a ser inseridas/os nas instituições. Nesse período, a profissão é marcada pela forte influência norte americana, com uma perspectiva positivista e conservadora, com sua base na adequação do indivíduo na sociedade.

Por volta de 1965, após diversas transformações sociais, inicia-se o processo de reconceituação, um movimento latino americano que persistiu, na sua diversidade e em tempo diferentes, por cerca de dez anos. Este, entre outras coisas, pretendia uma maior aproximação do Serviço Social com a realidade dos países latino-americanos, propondo uma ampla revisão teórico-metodológica, técnico-instrumental, ético político do Serviço Social tradicional e iniciar o processo de rompimento do conservadorismo. O período foi marcado pela abertura do diálogo da profissão com diferentes matrizes teóricas vinculadas às ciências humanas e sociais, na formulação de novas metodologias, que pudessem instrumentalizar uma ação coerente com um novo posicionamento, ora repondo (reatualizando), ora criticando mais intensamente o tradicionalismo e o conservadorismo que reinavam na profissão.

Na transição da década de 1970 à de 1980, inicia-se um processo de mudanças e desenvolvimento nos rumos técnicos, acadêmicos e políticos para o Serviço Social, de enfrentamento e denúncia mais intensa do conservadorismo (processo estimulado pela redemocratização política da sociedade brasileira) e, segundo Netto (1999, p.01) *“é nesse processo de recusa e crítica do conservadorismo que se encontram as raízes de um projeto profissional novo, precisamente as bases do que está denominado projeto ético-político.”*

Em meados de 1990, o projeto ético-político profissional passa a ser construído coletivamente, em constante desdobramento, como expressão da perspectiva de “intenção de ruptura” (NETTO, 1991) ao apresentar a autoimagem da profissão e reconhecer a liberdade como valor ético central, em direção à construção de uma nova ordem social, sem exploração/dominação de classe, gênero, etnia, na busca da consolidação da democracia.

O Código de Ética Profissional do Assistente Social teve inspiração vinculada à teoria social de Marx ao afirmar que as práticas humanas e profissionais devem se fundamentar nas

dimensões ético-política, teórico-metodológica e técnico-operativa, como componentes da formação e do trabalho profissional.

Considerações Finais

Feminismo e Serviço social: uma relação necessária

Compreender e analisar a constituição das mulheres enquanto uma categoria social e histórica se torna fundamental para compreendermos o Serviço Social em sua totalidade social enquanto profissão, instituída no sistema de dominação- exploração capitalista, patriarcal e racista, que se constitui desde sua gênese um campo de atuação predominantemente feminino.

Para nós, feminismo e marxismo possuem a mesma aspiração, qual seja a construção de um novo sistema de relações humanas pautadas na liberdade e na igualdade substantivas entre todos os sujeitos sociais, como também reivindica o Projeto Ético Político do Serviço Social. Nesse sentido, entendemos que a relação entre feminismo e marxismo é fundamental para o enfrentamento das desigualdades sociais, ao apontar para a construção de um sistema no qual a exploração de todos os tipos de opressão sejam marcas que nos sirvam apenas de referências para não reproduzirmos qualquer relação que nos remeta ao sistema patriarcal-racista-capitalista.

Assim, consideramos a relação entre feminismo e marxismo fundamentos para o Serviço Social, uma vez que a profissão possui o compromisso com a emancipação humana contra todas as formas de opressão, preconceito e exploração. (CISNE, 2018).

Em detrimento de sua base constitucional ter se pautado nos princípios da doutrina social da igreja, carregou por um longo período⁶ um ar caridoso e vocacional para as mulheres, tendo seus espaços iniciais compostos por damas da alta sociedade, como forma de controle social.

Embora a constituição da profissão tenha se dado sob esta conjuntura, podemos observar que esta temática ainda é pouco explorada dentro da área profissional. Silva (2017) nos elucida que embora nos países europeus, Canadá e Estados Unidos o feminismo é amplamente trabalhado e tenha sua interlocução mais efetiva dentro da profissão desde meados de 1960 e 1970⁷, aqui no Brasil, o ranço conservador ainda persiste nos dias atuais e não permitiu o diálogo de forma tão ampla e efetiva.

⁶ Mesmo após o movimento de reconceitualização e a tentativa de ruptura, ainda permanece na profissão resquícios de um ranço conservador e uma vinculação da profissão a ideia assistencialista.

⁷ Identificado dentro da teoria feminista como “Segunda Onda”.

[...] por ser o Serviço Social área de conhecimento e profissão que, notadamente, nas últimas décadas tem aprofundado análises sobre o complexo processo de desigualdade social, ao tempo em que também intervém diretamente nas múltiplas expressões da questão social, demanda apreender criticamente as relações que estruturam essa desigualdade e particularizam a questão social no Brasil, bem como os sujeitos políticos que a enfrentam, considerando questões e desafios postos na dinâmica do capitalismo contemporâneo. (CISNE, 2018, p. 19)

Atualmente, a urgência em se pesquisar o feminismo atrelado ao Serviço Social, se dá não só devido à constituição histórica da profissão, majoritariamente feminina, mas por em seu cotidiano de intervenção atender a um público predominantemente feminino, apresentando às profissionais demandas que surgem no cotidiano que configuram com diversas vertentes que surgem no próprio movimento feminista e que propõe ações para seu enfrentamento⁸.

Cotidianamente, os diversos profissionais atuantes junto à *questão social* e, em específico, o assistente social, são desafiados a construir alternativas de intervenção que assegurem princípios éticos-políticos expressos no Código de Ética Profissional do Assistente Social, como liberdade, autonomia, emancipação e plena expansão dos indivíduos sociais e defesa intransigente dos direitos humanos e de cidadania.

As ideias aqui apontadas indicam que essa análise se torna, portanto, necessária, para o enfrentamento do conservadorismo, marca tão profunda historicamente na profissão, devendo aproximar o Serviço Social de estudos feministas, como fonte teórica e crítica de obtenção e construção de conhecimento, assim como subsidiar sua prática pautada no compromisso com os princípios ético legais e com a ruptura com o conservadorismo e com um projeto de uma nova ordem societária, com a luta pela liberdade, assim como a reafirmação diária e constante com o compromisso profissional e com a emancipação humana.

Compreendemos também, a necessária interlocução da prática profissional com a teórica feminista, considerando a atual conjuntura, dramática, em que o nosso país se encontra, de avanço as reformas conservadoras, de constante ataque e retrocessos a direitos sociais, que alimentam o ódio nas diversas dimensões da vida social, fazendo necessária a reafirmação diária dos profissionais do seu compromisso com os sujeitos que perpassam pela intervenção do Serviço Social estimulando processos de resistência, exigibilidade e materialização de direitos.

⁸ Aqui podemos citar: violência doméstica contra a mulher, feminicídio, mulheres chefes de família, ausência de políticas públicas que deem conta da demanda de creches e escolas em períodos integrais, dentre outras.

Assistentes sociais, se perceber sujeitos, se sentir parte, trabalhar para as mulheres, para trabalhar com mulheres, uma atuação ancorada na perspectiva feminista, para pensar, intervir e atuar em uma perspectiva de totalidade, na defesa do projeto ético político e de um projeto societário que concretize a emancipação e a liberdade humana.

“Ninguém solta à mão de ninguém.”

REFERÊNCIAS

BEAUVOIR, Simone de. **O Segundo Sexo: fatos e mitos**. Tradução Sérgio Milliet. – 3.ed. – Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2016.

BEAUVOIR, Simone de. **O Segundo Sexo: a experiência vivida, volume 2**. Tradução Sérgio Milliet. – 3.ed. – Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2016.

CISNE, Mirla; SANTOS, Silvana Mara Morais dos. **Feminismo, diversidade sexual e Serviço Social**. São Paulo: Cortez, 2018.

CISNE, Mirla. **Feminismo e Consciência de Classe no Brasil**. -2.ed. –São Paulo, Cortez, 2018.

CISNE, Mirla. **Gênero, Divisão Sexual do Trabalho e Serviço Social**.-.ed. São Paulo, Cortez, 2015.

CISNE, Mirla. **Feminismo e Marxismo: apontamentos teórico-políticos para o enfrentamento das desigualdades sociais**. *Serviço Social e Sociedade*, nº 132. São Paulo: Cortez, 2018

DAVIS, Angela. **Mulheres, Raça e Classe**. Tradução Heci Regina Candiani. – 1.ed. – São Paulo: Boitempo, 2016.

DAVIS, Angela. **Mulheres, cultura e política**. Tradução Heci Regina Candiani. – 1.ed. – São Paulo: Boitempo, 2017.

DAVIS, Angela. **A liberdade é uma luta constante**. Org. Frank Barat. Tradução Heci Regina Candiani. – 1.ed. – São Paulo: Boitempo, 2018.

DUARTE, Joana das Flores. **Meninas e Território: criminalização da pobreza e seletividade jurídica**. – São Paulo: Cortez, 2018.

IAMAMOTO, Marilda Vilela. **O Serviço Social na contemporaneidade: trabalho e formação profissional.** – 4.ed. – São Paulo. Cortez, 2001.

IAMAMOTO, Marilda Vilela. **Renovação e Conservadorismo no Serviço Social: ensaios críticos.** 12.ed. – São Paulo: Cortez, 2013.

LISBOA, Teresa Kleba Lisboa. **Gênero, feminismo e Serviço Social – encontros e desencontros ao longo da história da profissão.** *Revista Katalysis. V. 13, n.1, jan/jun.* Florianópolis: UFSC, 2010.

PAULO NETTO, José. **A Construção do Projeto Ético-Político do Serviço Social.** In: *Capacitação em Serviço Social e Política Social.* Módulo 1. Brasília: CEAD/ABEPSS/CFESS, 1999.

PAULO NETTO, José. **Transformações societárias e Serviço Social:** Notas para uma análise prospectiva da profissão no Brasil. *Serviço Social e Sociedade*, nº 50. São Paulo: Cortez:1996.

PINTO, Céli Regina Jardim. **Uma história do feminismo no Brasil.** - São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2003.